

O parlêtre e a sexuação¹

El parlêtre y La sexuación

The parlêtre and sexuation

ROSANA VELLOSO

RESUMO:

A proposta desse escrito foi trazer algumas considerações e questões acerca do ser sexuado em psicanálise. Inicialmente, apresentamos o problema do Ser para alguns filósofos e, em seguida, a partir da antifilosofia de Jacques Lacan, foram desenvolvidas algumas articulações em torno do sujeito e da sexuação do parlêtre.

PALAVRAS-CHAVE: Ser - Ser sexuado – Psicanálise – Antifilosofia – Sujeito – Sexuação - Parlêtre.

RESUMEN

La propuesta de este escrito fue traer algunas consideraciones y cuestiones acerca del ser sexuado en el psicoanálisis. Inicialmente, presentamos el problema del Ser para algunos filósofos, y luego, a partir de la antifilosofía de Jacques Lacan, se desarrollaron algunas articulaciones en torno del Sujeto y la sexuación del parlêtre.

PALABRAS CLAVE: Ser - Ser sexuado – Psicoanálisis – Antifilosofía – Sujeto – Sexuación - Parlêtre.

ABSTRACT

The proposal of this paper was to bring some considerations and questions about being sexed in psychoanalysis. Initially, the problem of being to some philosophers was presented and then, starting from the antiphilosophy of Jacques Lacan, some articulations were developed about the subject and the sexuation of the parlêtre.

KEYWORDS: Being - Being sexed - Psychoanalysis – Antiphilosophy – Subject – Sexuation - Parlêtre.

INTRODUÇÃO:

Núcleo da filosofia ocidental, a questão do ser é muito complexa e durante séculos foi pensada. A oposição entre as filosofias dos pré-socráticos, Parmênides (540-470 a.C.) e

¹ Nova versão do texto originalmente publicado na Revista TOPOS Espaço Moebius, nº15, Ano 2018.

Heráclito (535-475 a.C.), por exemplo, em torno dessa questão, foi insistentemente considerada por diversos autores.

Heráclito como o “filósofo da mudança”, proclama que tudo está em perpétuo movimento, e é sua a seguinte citação: "Sobre os que se submergem nos mesmos rios fluem sempre distintas águas" e "O Sol é novo cada dia".² É por essa doutrina da transformação perpétua de todas as coisas que se chegou a dizer que para Heráclito a mesma coisa é e não é, sublinhando a ideia de oposição, conflito e contrastes. Ou seja, entramos e, não entramos, nos mesmos rios, pois somos e não somos. A verdade não é uma somente. O ser é interpretado como transformação.

Já Parmênides, chamado o "filósofo da imobilidade (ou do ser)", sustenta que "tudo [o que é] é", quer dizer, tudo está em repouso. O núcleo do seu pensamento consiste na proposição: "O Ser é, e é impossível que não seja". Portanto, ‘O Ser é’ significa ‘O Ser é o Ser’, junto à qual se afirma: "O Não-Ser não é e não pode nem sequer falar-se dele",³ pois, não existe.

O problema do ser é também uma das temáticas fundamentais na coletânea de textos escritos por Aristóteles no século IV a.C., que leva o título de “Metafísica”, definida como “uma ciência que estuda o ser enquanto ser e seus atributos essenciais...o que hoje chamaríamos de ontologia”.⁴

Pierre Aubenque, reconhecido filósofo francês, sobretudo por seu trabalho como comentador de Aristóteles, afirma que “vivemos no pensamento aristotélico do ser”.⁵ Nessa mesma direção, a também filósofa francesa Bárbara Cassin, sustenta que todos, no Ocidente, ainda que não queiramos e/ou não saibamos, “somos aristotélicos comuns”.⁶ É que em nossa tradição linguística e filosófica, supomos que há uma essência, um ser autêntico, como uma substância, uma realidade ontológica que existe por si mesma e permanece no que muda, indicando que há identidade e individualidade.

Lacan recomenda a leitura da Metafísica de Aristóteles, talvez o filósofo mais estudado e citado por ele, porém, adverte que se trata aí de muita bobagem, exatamente pelo fato de que o Estagirita sustenta o princípio de identidade e do universal, ao estabelecer que é

² Mora, J. F. (1964). Diccionario de Filosofía. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. p. 832-833.

³ Mora, J. F. (1964). Diccionario de Filosofía. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. p. 371-372.

⁴ Aubenque, P. (1974). El problema del ser en Aristoteles. Madrid: Taurus Ediciones, p. 25.

⁵ Aubenque, P. (1974). El problema del ser en Aristoteles. Madrid: Taurus Ediciones, p.19.

⁶ Cassin, B. (2013). Jacques el sofista: Lacan, logos y psicoanálisis. Buenos Aires: Manantial, p.92.

“preciso a todo custo que o Um seja e que o Ser seja um”,⁷ ou ‘o homem é homem’, ‘todos os homens são mortais’. Para Lacan, Aristóteles “não quer que o singular figure em sua lógica”.⁸ E na Conferência que profere com o título “O Sonho de Aristóteles”, diz que o silogismo que exerceu Aristóteles manca sempre, sobretudo, em sua aplicação do universal ao particular. Aristóteles sonha com um ‘mundo’, “como aquilo que se dá a chamar todo mundo, ou seja, as pessoas”.⁹

Com Descartes, temos sua proposição muito conhecida sob a expressão ‘*Cogito, ergo sum*’ (‘penso, logo existo’), indicando sua tese central de que a percepção e suposição de si mesmo, funda a existência. Lacan, modificando sensivelmente a substância pensante cartesiana, dá um passo a mais, que é o do inconsciente estruturado como uma linguagem, e, contrariando o cogito cartesiano, diz: “penso onde não sou, logo sou onde não penso”.¹⁰ No discurso analítico, “o inconsciente põe em questão o lugar onde eu não sou e eu não penso”.¹¹ É a fórmula da alienação em seu sentido mais radical que rechaça qualquer tentativa de psicologia do eu ou de ontologia em psicanálise.

A Antifilosofia de Lacan

Embora o termo “antifilosofia” não tenha sido criado por Lacan, teve em seu ensino um novo e específico uso. Ele vai criticar a filosofia ocidental do ser em sua vertente ontológica, essa ideia do ser colocado como absoluto e cria até um neologismo, “hontologie”,¹² para falar da vergonha (‘honte’) que implica sustentar o sujeito como ser, mediante um “eu sou” ou “eu sou eu”, como se existisse uma índole do ser. O certo é que

⁷ Lacan, J. (2009). O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1971). Rio de Janeiro: Zahar, p.26.

⁸ Lacan, J. (2007). O Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.14.

⁹ Lacan, J. (1978). O sonho de Aristóteles, Conferência proferida por Lacan, em 1978, no Hospital Saint-Anne. Traduzida ao espanhol por Pablo Peusner, versão utilizada para a tradução ao português por Maria Claudia Formigoni, Disponível em: <<https://mclaudiaformigoni.wordpress.com/2016/11/21/primeiro-post-do-blog/>>. Acesso em: 30 ago. 2018, p.02.

¹⁰ Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p.521.

¹¹ Lacan, J. (2008). *O Seminário*, livro 14: A lógica do fantasma (1966-1967). Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, p.84.

¹² Lacan, J. (1985). *O Seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 78.

nenhum significante pode significar ele mesmo, o que diz respeito ao ser está amarrado à “seção do predicado, aonde nenhum predicado basta.”¹³

Acerca disso, da “seção do predicado” como caracterizando o ser, François Récanati fará uma intervenção na segunda classe do seminário ‘Encore’, a pedido de Lacan. Fazendo a leitura da lógica de Port-Royal que “é uma teoria da substância, quer dizer, do que se sustenta a si mesmo”,¹⁴ Récanati vai demonstrar que uma teoria assim só pode funcionar se for levado em conta o lugar da negatividade, da ausência, na linguagem. “É a impossibilidade para algo de ser esse algo e de inscrevê-lo ao mesmo tempo”,¹⁵ explica Récanati. O zero se inscreverá como Um (0,1...), indicando que há algo que falha na identificação. Além disso, cada ordinal equivale à soma de todos os ordinais que o antecedem na série. O zero e este ‘um’, que é a identificação do zero, isso faz dois, e assim por diante. Como vemos, a existência de algo se inscreve por outra coisa, quer dizer, que esse algo cuja existência se inscreve cessa de existir pelo fato desta inscrição.

Importante sinalizar aqui que este ‘Um’ (1) não é ‘Um’ da unidade, unificante, nem 1º. O Um está no lugar do zero, do buraco, demonstrando que “o sistema da nomenclatura é a envoltura do impossível de partida... o signo, cimentado pelo infinito, da denegação inicial”.¹⁶ Lugar vazio = 0, que se conta como ‘Um’.

Constatamos assim, que através da predicação, do que se declara a respeito do sujeito, evocando os adjetivos, há substantivação, o que leva a supor uma substância. Então, por exemplo, o substantivo redondeza, extraímos do adjetivo redondo, a justiça, do justo. Um conjunto de predicados se converte em um termo singular, faz um nome, que se inscreve operando o campo das existências. Mas esse nome não faz parte do conjunto no momento que o designa. A substância é o que supostamente constitui o conjunto, suporta o predicado, mas é envoltura provisória do que falta, do inalcançável, recobre a falta em ser

¹³ Lacan, J. (1985). *O Seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 20.

¹⁴ Récanati, F. (1972). *Predicación y ordenación*. Texto de la intervención pronunciada el 12/12/72 en la segunda clase del Seminario 20, Encore, de Jacques Lacan. Traducido al español por Ricardo Rodríguez Ponte para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, p. 13.

¹⁵ Récanati, F. (1972). *Predicación y ordenación*. Texto de la intervención pronunciada el 12/12/72 en la segunda clase del Seminario 20, Encore, de Jacques Lacan. Traducido al español por Ricardo Rodríguez Ponte para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, p. 03.

¹⁶ Récanati, F. (1972). *Predicación y ordenación*. Texto de la intervención pronunciada el 12/12/72 en la segunda clase del Seminario 20, Encore, de Jacques Lacan. Traducido al español por Ricardo Rodríguez Ponte para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, p. 05.

e tende a repetir-se até o infinito. Repetição da impossibilidade, do buraco que está na fonte, tentando significar o impossível.

Por mais que se tente, através do Discurso do Amo, suturar o vazio, esperando que as coisas marchem bem, não se chega nunca ao ser (“Wesen”),¹⁷ pois, o que está em jogo é a dimensão lógica da linguagem e seu funcionamento. Lacan vai trabalhar, então, a noção da “falta em ser” pela qual o ser existe. É nessa direção, no campo da antifilosofia que Lacan vai efetuar uma desconstrução do Ser (‘Être’), com a criação de diversos neologismos para esse termo, como demonstra a tabela a seguir.¹⁸

¹⁷Wesen (Ser), expressão que Freud tomou de Schopenhauer que Lacan destaca e fez conhecida, perpetuando a crítica à concepção do ser no Ocidente, e também para se distinguir de Freud (Eidelsztein, 2015, p. 194).

¹⁸ Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan: Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Letra Viva, p. 215.

3er enlace

Tabla cronológica del trabajo crítico neológico de Lacan sobre el término ser (*être*)

Neologismo	Traducción posible	Primera aparición	Última aparición	Número de textos o clases donde aparece	Articulaciones propuestas por Lacan	
Manque à être	Falta en ser	1953	1971	Decenas	Desarrollado aparte	
Êtrepenser	Serpensar	1961	S e m i n a r i o nº 9	1961	Única	El ser en el pensar (1ª aparición del origen del ser en el pensar)
Êtrepensant	Serpensante	1961		1961	Única	El ser de pensamiento (2ª)
Êtretant	Serente	1961		1961	Única	Ente del ser ente
Quelquêtre	Cualquier-ser	1961		1961	Única	Ser sin mismidad
Pensêtrer	Pienser	1961		1961	Única	El ser del pensar (3ª)
Tantd'être	Tantodeser	1961		1961	Única	El <i>parlêtre</i> entrevistado entre tantoser
D(être)itus	Serdesecho	1967	1967	Única	El ser del hombre: detritus (materia de descomposición)	
Désêtre	Deser des-ser	1967	1972	Decenas	Desarrollado aparte	
Être-mâle Être-femelle	Ser-hombre Ser-mujer	1967	1967	Única	El ser hombre y el ser mujer: no es en sí mismo	
Pense-être	Piensa-ser	1967	1967	Única	Ser de pensamiento (4ª)	
M'êtrre M'êtrrise	Meser Dominoser	1970	1973	Dos	Mâitre (amo y maestro) : discurso del amo que pretende mi ser	
Parêtrre	Paraser	1972	1977	Tres	La interpretación hace "paraser" (aparecer, parecer)	
Pên-êtrer	Penetrar-ser	1972	1972	Única	Parêtrre. Arrêt(re) El hacer ser y aún demasiado	
L'être-hair	Ser-odio	1973	1973	Única	Odio y traición a Yahvé ("Soy el que soy")	
Êtrenel	Sereterno	1973	1973	Única	El ser como eterno: Dios	
Être-ange	Ser-extraño/ ángel	1973	1973	Única	<i>Impasse</i> del gozo (gozo y agujero)	
Êtrinite	Sertrinidad	1973	1973	Única	Ser 3; el tiempo y las 3 dimensiones del espacio	
Parlêtrre	Hablarer Hablarser	1974	1980	Decenas	Desarrollado aparte	
Parlêtrrer	Hablarser	1975	1980	Tres	Verbo. Por hablar la noción de ser se confunde	
Psarlêtrre	Psiser	1977	1977	Única	El ser es del pensamiento y lo Psi (5ª)	

“Parlêtre”, neologismo que está no título desta minha intervenção, foi utilizado por Lacan em diversas ocasiões na década de 70 para estabelecer uma nova designação para o inconsciente de Freud, transformando o ser falante (“l’être parlant”) em ‘falasser’ (“parlêtre”). Em uma conferência intitulada “Joyce, o sintoma”, comentando a respeito da sua nova expressão, Lacan dirá: “o inconsciente é um saber enquanto falado”,¹⁹ e é aí, no lugar da fala que o ser tem um sentido, assinalando a prioridade da fala sobre o ser, e mais ainda, a dependência deste último com respeito à primeira.

Essa é uma nova dimensão, a “diz-menção” (“Dit-mansion”),²⁰ na qual, a partir do Imaginário e do Simbólico, se lê para além do que o novo sujeito do inconsciente foi incitado a dizer, o que contempla o Real. Trata-se aqui do manejo do escrito, em sua relação com a verdade, sempre inacessível. E na partida que se joga na análise, dizendo qualquer coisa, é que se pode dizer uma verdade particular, que é uma maneira de dizer, um estilo, um modo de existência que, por não ter garantias, se sustenta no real. O dizer da verdade tem uma estrutura de ficção, pois, ela não é toda e não vale para todos.

Assim, o sujeito que se sustenta no parlêtre é efeito do ato de dizer, é criação da linguagem e do laço do discurso, não habilitando uma ontologia, pois, não é idêntico a si mesmo, nem é Um, nem substancial; E, especialmente, provém do ‘não ser’, nome do sujeito no Real. Mas crê e afirma que é, embora não saiba nunca nada do que é, e sofre por isso. O que se pode saber está caracterizado por limites impossíveis de atravessar. Dado que o ser é produto da linguagem, não podem coexistir a verdade do ser e saber que se é.

Na realidade, o corpo é a única consistência do falasser, consistência mental, suporte inteiramente imaginário. Falar de consistência imaginária é falar de uma consistência enganosa que para o falasser é o que se fabrica e que se inventa. Como diz Lacan, “o sentido do ser é presidir o ter”.²¹ E o que faz coletividade - homens, mulheres, crianças - não são mais do que significantes, é pelo significante que surgem, e por isso mesmo, se presta a equívoco.

¹⁹ Lacan, J. (2003c). Joyce, o Sintoma (1979). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 561.

²⁰ *Dit-mansion*: neologismo que condensa *dit*, “dito”, y *dimension*, “dimensão”; também está implicada a *mansion*, “menção”, *mansion*, como “etapa, abrigo, mansão” (Lacan, 1985 [1972/1973], p. 146; 2016 [1973/1974], p. 14; 1975b, p. 44).

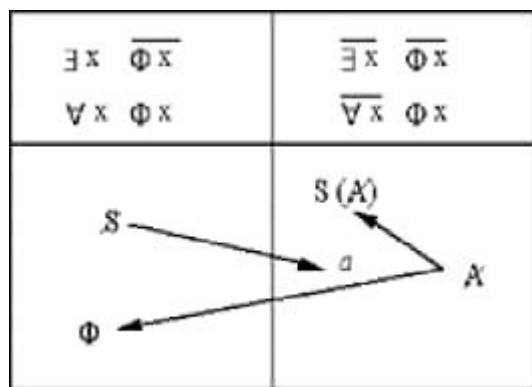
²¹ Lacan, J. (2003c). Joyce, o Sintoma (1979). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p.561.

Segundo os estoicos, os incorporais não são tridimensionais, não são concretos, mas constroem realidades. Não são também abstrações, pois, depende de um corpo, afetam o corpo produzindo efeitos nele. São proposições, são ditos; assunto de discurso, o que se pode dizer de um sujeito; e são efeitos do que um corpo causa em outro corpo.

Essa ideia do incorporal tem a ver com a “substância gozante” proposta por Lacan, aquilo de que “se goza por corporizá-lo de maneira significante”,²² ou seja, o corpo que se goza se incorpora pelo significante e é marcado pela ambiguidade que lhe caracteriza. Então, a substância gozante, com a qual operamos em psicanálise, resulta da eficácia própria da linguagem, e é suportada pela função do furo. É também a partir desse furo que não se pode estabelecer relação entre sexados. O buraco é constituído pelo impasse da não-relação constitutiva do sexual.

Nesse momento do seu ensino, Lacan tenta circunscrever o real a partir do impossível de uma modalidade lógica, e daí ele introduz a ideia de que o ato sexual não pode produzir como resultado nem ‘sou homem’ nem ‘sou mulher’, portanto, não existe ato sexual, não é um verdadeiro ato.

As fórmulas da sexuação do seminário Encore²³ propõem uma lógica para dar conta da identificação sexual no ser falante, mostrando como o sujeito tem que determinar-se em relação ao significante fálico e, portanto, à falta, enquanto que os efeitos de seu sexo anatômico se tornam contingentes a respeito dessa estrutura simbólica.



²² Lacan, J. (1985). *O Seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.35.

²³ Lacan, J. (1985). *O Seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.105.

Nessas fórmulas, à esquerda, do lado imaginariamente homem – posição “masculina” – então, a falta do significante fálico opera como lei universal, ou seja, todo sujeito x está submetido à falta, está inscrito na função fálica (para todo x , Φ de x). Apenas um escapa a esta inscrição simbólica, e essa exceção que funda e confirma a regra universal é a função paterna. Em outras palavras, todo o masculino toma seu referente do falo, falo entendido aí como uma função significante, função fálica. Deste lado, estão inscritos o falo simbólico (Φ) e o sujeito barrado ($\$$) que se autoriza dele. Porém, este sujeito dirige-se ao objeto ‘a’ que determina seu desejo, do outro lado, do lado chamado “feminino”. À direita do quadro, ou seja, do lado da posição feminina, não existe um x que não tenha relação com a função fálica (Φ), contudo, não todo de x está inscrito nessa função. Não há universal deste lado, não há conjunto de todas as mulheres, é por isso que “A mulher não existe” e o A barrado (\bar{A}) é o matema da falta desse significante. Do lado feminino, quer dizer do lado Outro, o gozo pode concernir ao falo que se encontra à esquerda, do lado masculino, porém, existe também outro gozo que depende do buraco no Outro, $S(\bar{A})$, é o gozo atribuído como propriamente feminino, o gozo Outro. Uma mulher não está toda inteira implicada no gozo fálico, e este ‘não todo’ se refere a um gozo mais além do falo.

Nas fórmulas da sexuação, o sujeito é um significante. E não é jamais senão pontual e evanescente, pois ele só é sujeito por um significante, e para outro significante. “Ali onde é representado, o sujeito está ausente.”²⁴ Não é, em si mesmo, não tem essência e não há identidade possível. É em relação a essa falta que o sujeito terá de se situar. Assim, enquanto suporte formal, “o significante pode ser chamado a fazer sinal, a constituir signo do sujeito”,²⁵ que passa, então, por ser sexuado, ocupando a posição masculina (desejante) ou feminina (de se fazer desejado como objeto), e isso não possui nenhum vínculo com a biologia, nem garante autenticidade, pois, não há sujeito feminino ou masculino.

A partir da topologia da cadeia borromeana, estrutura na qual se sustenta as três realidades operantes em psicanálise, o Imaginário como consistência, o Simbólico como furo, e o Real como o impossível lógico, Lacan (2016 [1973/1974]) afirma que o “o nó

²⁴ Lacan, J. (2009). *O Seminário*, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1971). Rio de Janeiro: Zahar, p.10.

²⁵ Lacan, J. (1985). *O Seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.195.

borromeu não tem nenhuma espécie de ser”.²⁶ O sujeito, em sua condição de só ser suposto, é puro buraco causal, funcionando como um objeto -objeto a- objeto causa do desejo, que só é notável por essa escritura. E tudo que é sujeito de pensamento que se imagina ser Ser, é por isso determinado.

O que isso quer dizer? Quer dizer que é preciso ater-se ao suporte do semblante, que é o que dirige o jogo. O ‘a’ nos fará tomá-lo por um ser, em nome de ser aparentemente alguma coisa mesmo. O ‘a’ é uma aparência de ser. A vestimenta da imagem de si vem envolver o objeto causa do desejo, e aí se sustenta. A afinidade do ‘a’ com seu envolvimento é uma das articulações da análise, quando o sujeito toma a palavra e fala dessas questões, declarando que posição sexuada ocupa diante do outro.

Concluindo

A posição de Lacan, como vemos, é bem clara desde o começo do seu ensino, com sua proposta da falta em ser e seu rechaço do ‘ser do ser’ e de um ‘si mesmo’ substancial em psicanálise. Não é possível estabelecer as representações sobre o sexo, fixar identidades que pretendem suturar o desgarramento incurável da existência e responder à impossibilidade da relação-proporção sexual. Cada parlêtre, em sua particularidade enquanto estrutura ou nó de relações sem centro, vai fazer signo de uma posição sexuada para o outro signo.

Quanto ao objeto a, a-sexuado, o psicanalista maneja com este dejetivo, que se torna a pedra angular da análise, “essa essência problemática, o objeto a”,²⁷ que não existe, e só é perdido por ser procurado.

Há autores lacanianos que sustentam ir mais além do semblante para, ao final da análise, chegar ao autêntico ser, por detrás da aparência, à verdade do próprio ser e, assim, curar a neurose ou o sintoma. Que autêntico ser? Será que a análise termina em uma posição ontológica? Abrir essas questões e assumir uma posição a respeito é

²⁶ Lacan, J. (2016). *O Seminário*, livro 21: Os não-tolos vagueiam (1973-1974). Publicação não comercial, circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius. Salvador, Bahia, p.55.

²⁷ Lacan, J. (2008). *O Seminário*, livro 14: A lógica do fantasma (1966-1967). Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, p.327.

importante, já que, constituímos a nossa prática clínica e a direção da cura a partir do nosso entendimento dessas noções.

BIBLIOGRAFIA

1. Aubenque, P. (1974). *El problema del ser en Aristóteles*. Madrid: Taurus Ediciones.
2. Cassin, B. (2013). *Jacques el sofista: Lacan, logos y psicoanálisis*. Buenos Aires: Manantial.
3. Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan: Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Letra Viva.
4. Lacan, J. (1975a). Respuesta de Jacques Lacan a una pregunta de Marcel Ritter, Strasbourg. Disponível em: <<http://marthadicroce.blogspot.com.br/2011/08/respuesta-de-lacan-marcel-ritter.html>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
5. Lacan, J. (1975b). El síntoma. Conferencia en Columbia University, in Conferencias y charlas en universidades norteamericanas.
6. Lacan, J. (1978). O sonho de Aristóteles, Conferência proferida por Lacan, em 1978, no Hospital Saint-Anne. Traduzida ao espanhol por Pablo Peusner, versão utilizada para a tradução

ao português por Maria Claudia Formigoni, Disponível em: <<https://mclaudiaformigoni.wordpress.com/2016/11/21/primeiro-post-do-blog/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

7. Lacan, J. (1985). *O Seminário*, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

8. Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

9. Lacan, J. (2003). La Tercera. Roma, 01/11/1974 publicado por vez primera em las Lettres de l'École freudienne, n. 16. 1975. La presente transcripción há sido realizada a partir del registro publicado por Patrick Valas em CD-Rom em novembro de 2003.

10. Lacan, J. (2003). Talvez em Vincennes, 1975. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

11. Lacan, J. (2003). Joyce, o Sintoma (1979). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

12. Lacan, J. (2007). *O Seminário*, livro 23: o sintoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

13. Lacan, J. (2008). *O Seminário*, livro 14: A lógica do fantasma (1966-1967). Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

14. Lacan, J. (2009). *O Seminário*, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1971). Rio de Janeiro: Zahar.

15. Lacan, J. (2016). *O Seminário*, livro 21: Os não-tolos vagueiam (1973-1974). Publicação não comercial, circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius. Salvador, Bahia.

16. Mora, J. F. (1964). *Diccionario de Filosofía*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

17. Récanati, F. (1972). *Predicación y ordenación*. Texto de la intervención pronunciada el 12/12/72 en la segunda clase del Seminario 20, Encore, de Jacques Lacan. Traducido al español por Ricardo Rodríguez Ponte para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

ROSANA VELLOSO

Psicanalista, membro de A.P.O.La (Apertura Para Outro Lacan, Sociedade Psicanalítica Internacional). Exerce a prática clínica no Serviço Público de Saúde e em Consultório Particular.

E-mail: rosanavi2004@yahoo.com.br.